

**FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E NEGÓCIOS DE SERGIPE
ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E
DIVERSIDADE LINGUÍSTICA**

MARIA DE LOURDES DANTAS MENDES

**CIBERESPAÇO: o abrigo das produções literárias do
escritor brasileiro contemporâneo**

Aracaju/SE

2017

MARIA DE LOURDES DANTAS MENDES

**CIBERESPAÇO: o abrigo das produções literárias do
escritor brasileiro contemporâneo**

Artigo apresentado ao Núcleo de Pós-Graduação e Extensão – NPGE, da Faculdade de Administração de Negócios de Sergipe – FANESE, como requisito para obtenção de título de Especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Diversidade Linguística.

Orientador:

Prof. Me Manoel Messias Rodrigues Santos

Coordenação do Curso:

Profa. Ma. Mônica Maria Soares Rosário

Aracaju/SE

2017

MARIA DE LOURDES DANTAS MENDES

**CIBERESPAÇO: o abrigo das produções literárias do
escritor brasileiro contemporâneo**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Núcleo de Pós-Graduação e Extensão – NPGE, da Faculdade de Administração de Negócios de Sergipe – FANESE, como requisito para obtenção de título de Especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Diversidade Linguística.

Prof. Me Manoel Messias Rodrigues Santos

Profa. Ma Mônica Maria Soares Ribeiro

Maria de Lourdes Dantas Mendes

Aprovada com média _____

Aracaju (SE), _____ de _____ de 2017.

RESUMO

Os impactos da internet atingiram não só a forma como o ser humano se comunica, mas também a sua relação com a arte, em especial a Literatura. Dessa forma, observa-se o crescimento do número de escritores que empregam o ambiente virtual como uma forma de propagar a sua produção literária. Desse modo, este artigo teve como objetivo investigar como as produções literárias são abrigadas no ambiente virtual e qual o impacto desse espaço para o escritor. Além disso, o estudo apresenta ainda o ciberespaço como nova ferramenta de propagação cultural e como espaço por meio do qual o escritor contemporâneo vem propagando seu trabalho. Para tal, foi feita uma pesquisa exploratória tendo como sustentação os pressupostos da semiótica literária e das teorias sobre o ciberespaço.

Palavras-chave: Escritor. Literatura. Ciberespaço.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| RESUMO | |
| 1 INTRODUÇÃO | 05 |
| 2 CIBERESPAÇO E CIBERCULTURA | 07 |
| 3 A PRODUÇÃO LITERÁRIA NO CIBERESPAÇO | 10 |
| 4 ANÁLISE DOS ESPAÇOS VIRTUAIS LITERÁRIOS | 14 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 18 |
| REFERÊNCIAS | 19 |
| RESUMEN | 20 |

1 INTRODUÇÃO

O início do ato de concretização de um texto parte do autor que expressa sua arte, no entanto, pensa-se que o texto só se materializa quando se apresenta em forma de livro, a fim de legitimar a escrita. Contudo, há outros meios de se legitimar a escrita que não se restringe ao livro. A obra literária, enquanto integrante de um sistema, que se faz em outros meios e se realiza na leitura do leitor, fundamenta-se no recurso da linguagem poética para tornar possível a manifestação do escritor.

O livro, mesmo convivendo com mídias como o rádio, a televisão, o cinema e a internet, ainda se mantém no imaginário social como um lugar de reverência e segurança de qualquer inverdade. Isso se explica, em parte, pela intimidade do escritor com o formato do códex e com as práticas de produção literária e leitura dos textos em harmonia com tal apoio que veio se solidificando desde o século quarto. Nesse sentido, Machado (1995, p. 205) ressalta que:

Ademais, não podemos nos esquecer de que, até o século XV toda literatura existia, antes de mais nada, para ser recitada em público e o manuscrito era apenas um instrumento acessório dessa vasta e influente cultura oral, que nos deu pensadores como Pitágoras, Sócrates e Demócrito e poetas como Homero e os trovadores medievais.

Tragino (2015) explica que talvez, entre muitas posturas, rituais, objetos e manifestações artísticas construídas pelo homem, a afinidade que rodeia o leitor, a leitura, o livro e a literatura contenha, por intermédio de uma ampliação do saber do mundo, partes que abarcam desde o que é essencial do sagrado até o fetiche do que se pode ser tocável nas mãos do homem. Por esta razão, em vários momentos da história, o livro sempre foi visto como primordial na consolidação do escritor. Entretanto, quando se pensa na chamada pós-modernidade percebe-se uma postura transformadora, na medida em que novos rumos passaram a ser trilhados, sob uma nova perspectiva de divulgação das produções literárias.

É importante destacar que a partir da década de 1960, começa no país um movimento cultural intenso em que a arte emerge como forma de luta e protesto, ao mesmo tempo em que se buscavam novas experimentações estéticas. A poesia começa a explorar a folha de papel como elemento importante da construção textual

desde a proposta Concretista a experimentações que perpassam o poema-processo e a Tropicália sem perder de vista todo o movimento que na década de 1980 consolidará a chamada poesia marginal cujos autores não se apoiavam em editoras para divulgação de suas obras e por conseguintes explorava novos e variados suportes.

Segundo Oliveira (2004), essas poesias podiam ser encontradas em muros, postes, nas paredes e portas de banheiro ou ainda transferidas para folhas mimeografadas ou páginas de jornal. A exposição era feita também em qualquer ambiente que liberasse a expressão de descontração, de subjetividade e de protesto, sendo assim, era uma poesia fora da transição de editoras, mas que nem por isso se ausentou da sociedade, ao contrário, era extremamente acessível. Para Arantes (2005, p. 56),

apesar dos anos 1970 terem sido uma época de ditadura militar e, portanto, um período politicamente e socialmente conturbado no Brasil, levando vários países a boicotarem a “Bienal Internacional de São Paulo”, é importante citar algumas iniciativas na utilização de novos meios e materiais na prática artística: “registre-se a tímida seção 'Arte/Tecnologia' da 9ª Bienal Internacional de São Paulo, de 1969, quando a exposição já sofria boicote de várias nações em razão da ditadura militar reinante”.

Os tempos ainda se mantêm em grande transformação e as mídias se cruzam em diversas áreas do saber, inclusive na literatura. Grandes escritores não imaginavam que teriam a disposição um recurso que agregasse vários dispositivos de escritas e interação direta com o leitor. Segundo Magdaleno (2012), a globalização, o avanço de eventos literários e a influência da internet possibilitaram novos meios de divulgação da obra. Estes fatores vêm alterando a rotina dos escritores e, por isso, o século XXI vem sendo assinalado como um melhor momento para quem pensa em viver da escrita na América Latina. Com tudo isso a figura do autor ganhou destaque.

Oliveira (2016) descreve que as mídias expandem o acesso à produção e à difusão massivas, formando uma relação capaz de produzir e espalhar bens culturais, tornando o contexto participativo, difundido e ilimitado. A internet é organizada como um dispositivo comunicacional e vai bem além da interatividade. Sendo um espaço de participação, ao grau que os seus usuários adotam o ambiente

para produções culturais e unem-se para compartilhar experiências, para ler e para se fazerem lidos.

No cenário atual, observa-se um escritor ainda mais autônomo em expor suas obras sem o menor custo e com maior alcance de leitores por meio da expansão da internet. A partir desses pressupostos partiu a seguinte pergunta: como o ciberespaço vem abrigando a produção literária na contemporaneidade? Para tanto, optou-se por uma pesquisa teórica de base bibliográfica que se concentrou em pensar o lugar do escritor brasileiro contemporâneo no chamado ciberespaço. Para a análise buscou-se o arcabouço da semiótica literária e das teorias sobre o ciberespaço.

Ao escolher como objeto de estudo o escritor contemporâneo, com foco no ciberespaço e sua relação com escrita literária, tem-se como objetivo geral investigar como as produções literárias são abrigadas no ambiente virtual e qual o impacto desse espaço para o escritor. Nesse sentido, ainda buscou-se compreender discutir sobre a produção literária em mídia digital; abordar como o ciberespaço abriga a literatura e como a crítica enxerga este meio de criação e divulgação.

2 CIBERESPAÇO E A CIBERCULTURA

A cultura tornou-se tão multifacetada quanto os tempos pós-modernos que a vem delineando, principalmente diante das novas tecnologias da informação e da comunicação. Nessa perspectiva, a Cibercultura emerge como fenômeno destes novos tempos numa rede dinâmica que está em permanente construção, “novos caminhos, novas trilhas podem ser acessadas, novos espaços são criados nessa gama de interatividade em que, a cada minuto, em alguma parte do globo, informações são inseridas” (VIANA, 2012, p.23). Nesse universo, o usuário pode ir de um ponto a outro sem, contudo, obedecer a regras ou rotas pré-determinadas.

A cibercultura abarca processos de significação cultural nesse espaço fluido, onde as telecomunicações convergiram com as tecnologias informáticas criando, conforme Lemos (2003), transformações sociais, culturais e antropológicas que alteram não apenas os processos técnicos, mas a nossa percepção espaço temporal, em que o termo virtual passa a adjetivar os espaços e produtos que habitam esse ambiente tecnológico online. Assim, “Navegando nos espaços criados

- os ciberespaços - estão os indivíduos em busca de algo: informações, dados, comunicação, identificação” (VIEIRA, 2012, p. 25). Essas buscas, por sua vez, sinalizam que as práticas comunicacionais estão impregnadas das apropriações sociais e que na troca de mensagens, é possível criar novos espaços, ganhar voz em espaços públicos, novas ligações sociais. Para Lévy,

o ciberespaço (que também chamarei de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ele abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo “cibercultura”, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (LÉVY, 1990, p.26).

Viana (2012) aponta que nesses espaços virtuais voltados para a poética, o espaço-tempo é caracterizado pela fluidez, pela velocidade de informações, compõem-se por territórios de reflexão, de abstração, e faz com que a leitura entre em movimento com a tecnologia. As manifestações do ciberespaço trazem novos cruzamentos culturais, dentre eles, terminologias como estrangeirismo e neologismo para a língua que posteriormente entram nos meios literários ou artísticos. Lemos (2003, p. 16) diz que “a Cibercultura nos coloca também diante de problemas linguísticos e conceituais e não é por acaso da crescente utilização de metáforas para descrevermos os seus diferentes fenômenos”.

Convém destacar que, para Hall (2006), os espaços culturais e sociais da modernidade caracterizam-se pelo deslocamento identitário do sujeito. Sendo assim, é possível esquematizar um paralelo das questões sociais na preparação das novas tecnologias que se transformam no alcance em que o imaginário do sujeito também se transforma, porém na velocidade nivelada a sua época. Assim, Viana (2012) assegura que tentar não enxergar essas manifestações e sua temporariedade, é rejeitar o espaço tecnológico que se instaura na Internet, o qual reúne experiências estéticas literárias que desvendam outras faces do homem contemporâneo, mostrando-o como um ser complexo que influencia todo um campo semântico do texto.

Nesse sentido, os blogs e as redes sociais são utilizados como meio de manifestação da Cibercultura, uma vez que no uso da internet, é possível que um usuário tenha vários espaços em diferentes hospedeiros (servidores que hospedam os textos por meio de endereços e sub-endereços) e com distintos rabiscos digitais e literários.

Na pós-modernidade, período apontado da instabilidade identitária, o sujeito busca recriar múltiplas identificações, faz com que o conceito de identidade única, fixa e estável ingressasse no esgotamento. O espaço e o tempo estão baseados a partir dos processos sociais, culturais e tecnológicos. Viana (2012 p.55) diz que “na arquitetura cibernética, que estrutura o ciberespaço e a cibercultura, as manifestações são criadas em espaços, fragmentos de um todo do qual estamos longe de alcançar, dada sua volatilidade diária”.

A literatura leva a paragens, reflexões, abstrações, já a cibercultura é um campo que germina fluidez, velocidade, referencial e é fragmentada, porém o que as unem é a leitura que através da linguagem, as culturas se materializam e é através dela que se consegue a leitura. Toda cultura manifesta-se pela linguagem que não é precisamente verbal. Nos protocolos de linguagem da Web, os navegadores toleravam apenas textos e hipertextos. Posteriormente, com o avanço da tecnologia, todo arquivo digital começando com um simples texto até um vídeo longo, de forma prática e rápida podem ser acessados e copiados. Viana (2012, p.52) diz:

As páginas com textos, escritas inicialmente em HTML, hoje mesclam imagens, sons, movimentos e animações em sua criação. O design passou a ser um ponto – senão o mais – importante para o sucesso de uma página. O design precisa ser agradável ao público a que se destina o espaço virtual e quanto mais interativo, mas seguidores coleciona.

Contudo, faz-se necessário acentuar que nem toda manifestação na cibercultura pode ser confundida como obra literária. Se por um lado a maioria das criações *on-lines* pode ser considerada objeto cultural, nem todas devem ser acatadas como literatura, pois como assegura Eagleton (2001), a literatura concentra a linguagem de forma peculiar, o desacordo entre o significante e significado perfaz, a linguagem literária é ressignificada pelo leitor, conforme seu conhecimento de mundo, no ato da leitura. Chegando nessa pressuposição, é através da leitura que a Literatura se faz. Sendo assim, Viana (2012, p.63) afirma que

Na prática, o texto que lemos na tela é uma interpretação das várias interpretações de linguagens e algoritmos como já mencionado. Portanto estudar uma manifestação literária no ciberespaço é levar em conta toda essa tecnodiversidade presente em sua realização. É desvendar os sentidos imbricados nas múltiplas linguagens que constituem a obra e que levam não somente à compreensão, mas à reflexão, ao exercício da percepção e do pensamento, da condição humana que é refletir sua própria condição.

Bertrand (2003), por sua vez, fala que no campo da cultura, a literatura é esse gigantesco reservatório da memória coletiva, em que se prepara arquivo em que ela se prende e se constitui como referência cultural. Portanto, arte e tecnologia são componentes do arsenal cultural e, no assunto exclusivo da cibercultura, as manifestações híbridas aparecem transformando as ideias, os costumes, os modos de ser e fazer de um povo.

3 A PRODUÇÃO LITERÁRIA NO CIBERESPAÇO

Segundo Arantes (2005), a mídia digital apresenta uma nova configuração estética que dá conta das práticas artísticas na era digital. Contudo, Bylaardt (2012) mostra que essa tendência produz uma estética do estranhamento, em que a literatura parece inclinar-se a se configurar como uma atividade singular. Um ato indiferenciado daquele que escreve no avesso obscuro e silencioso da linguagem. Bakhtin (1993) analisa a comunicação estética como um fenômeno que engloba três complementos fundamentais, a saber: a obra de arte/o texto, o criador e o contemplador. Esses parâmetros estão intrinsecamente inter-relacionados, dependendo inteiramente um do outro para existir, ou seja, estão em constante interação.

Bernades(2003) aponta que existe entre os escritores um horizonte comum, pois as palavras que compõem qualquer texto surgem do contexto vivo da vida e não são precedidas das páginas de um dicionário. Por isso mesmo, oferecem-se ao leitor carregadas de avaliações sociais não articuladas que estabelecem diretamente a forma de expressão da obra, tanto no momento em que são escolhidas pelo autor/escritor, quanto no momento em que este analisa a recepção dessa seleção pelo leitor/ouvinte

O foco do autor é o prazer pelo escrever, segundo Machado (1995, p. 2012) “uma nova espécie de literatura emerge do limbo e promete surpresas jamais sequer sonhadas pelos poetas de outros tempos”. Mídia e literatura se uniram como fonte de exposição artística do escritor. Observa-se que os conteúdos levantados nas obras literárias na web são universais, porém sem totalidade. Os autores escrevem para dar permanência, consistência e alcance ao seu pensamento e às invenções de sua imaginação. Levy (1990, p. 123) explica que:

A emergência do ciberespaço é fruto de um verdadeiro movimento social, com seu grupo líder (a juventude metropolitana escolarizada), suas palavras de ordem (interconexão, criação de comunidades virtuais, inteligência coletiva) e suas aspirações coerentes.

Arantes (2005) descreve que se entende por artemídia, as investigações poéticas que se fundamentam de recursos tecnológicos das mídias e da indústria cultural e apresenta através dos canais de difusão, uma proposta alternativa de estética. São ações efêmeras e desmaterializadas, obras em processo ou construídas coletivamente, que obtêm, muitas vezes, a árdua tarefa de harmonizar o circuito da arte ao ambiente das mídias e das tecnologias informacionais.

Bylaardt (2012) mostra que após a década de 1980, a cibercultura contribuiu também para o aparecimento da escrita holográfica, do videoclipe, da poesia-hipertextual, do poema-fractal, da poesia intersignos etc. Todas elas têm em comum a ânsia de libertar a poesia da tirania da página, do dirigismo infradestro.

Os poetas críticos apresentam na estrutura do texto literário, os traços de um novo olhar capazes de esboçar aos leitores um estranhamento, porém mais diversificado de possibilidades e de aventuras. São todos poetas brasileiros dessa incrível nova manifestação de escrita começante, fundante, contemporânea, pós-moderna, embora de um pós-moderno que ainda não queira ser visto como uma ruptura definitiva com o moderno, mas que intensifica alguns de seus traços, principalmente aqueles ligados a uma busca de algo ainda não declarado que parece desprezar outros relacionados a um projeto, a um caminho preestabelecido.

O escritor contemporâneo sente, experimenta, vivencia e interpreta o mundo de modo como sua cultura permite. Transfere as emoções desde os detalhes mais ínfimos até os mais elevados. É aquele que se dispõe da técnica e recursos literários para dar voz e vida para obra divulgada no ciberespaço. Em outras palavras, afirma Santa (2011, p.3),

é a “função-autor” que nos é relevante, tanto na literatura do papel, quanto na da tela, uma vez que essa função configura uma instância narrativa que está próxima de um trabalho elaborado por um sujeito-autor que se manifesta em ambos os meios, uma vez que as produções literárias impressas ou hipertextuais são resultado de um trabalho funcional por parte do autor, que se utiliza de elementos arquitetados (de si ou de suas impressões) para a construção de seu texto.

Quanto ao texto literário, ele se difere dos outros por ser uma manifestação artística, envolvida por construções estético-composicionais que o diferenciam de outros gêneros de textos, como o científico, afinal, é fruto de uma subjetividade que tem sentido ligado com o interior do leitor. Por conseguinte, um novo valor estético literário envolve práticas de leituras e escritas no contexto digital, conseqüentemente, isso afetou não só o escritor, como também o crítico literário. Santa (2011, p.7) descreve como a crítica literária de enxerga as novas manifestações artísticas:

A crítica literária, por sua vez, vê-se inserida diante de manifestações diretamente ligadas ao fazer artístico, sobretudo, pelas relações entre discursos e objetos até então “inéditos” em busca de sistematização, como acontece sempre que uma nova manifestação artística ou tendência se evidencia na arte.

Segundo Barthes (2003) crítica é nada mais que um discurso analisando outro discurso, ou seja, é a relação da linguagem crítica com a linguagem do autor, observando a linguagem-objeto do escritor com o mundo. A função da crítica é formar um significado de reflexões e debates. Porém, quando se aborda a literatura no meio digital, o caminho ainda é novo e longo, ainda que muitos teóricos já o apresentem com caso específico. Santos (1996, p. 01) aponta que

Há de se considerar ainda que, embora alguns estudiosos da literatura tenham o hipertexto informatizado como uma “tecnologização acrílica do literário”, alguns deles confundem ciência com tecnologia no que se refere à compreensão do significado da produção e leitura de hipertextos e “o papel capital que nossas teorias do texto (sobretudo aquelas das últimas décadas) podem ter na compreensão disso que aqui chamamos hipertexto literário informatizado”

Os teóricos do hipertexto literário abrem espaços para uma visão tecnologizada do texto literário. Há muita empolgação para o novo meio

informatizado que atende à demanda de produção e circulação de texto literário ainda não conhecidos, ainda mais quando é exposto de uma maneira totalmente revolucionária. Contudo, existe uma ideia de que a literatura “clássica” é a apresentada nos livros. É complexo refletir as "textualidades contemporâneas", em detrimento ao livro e aos aparelhos digitais, o texto literário impresso é o representante dessa distinção entre o papel e o virtual, já que carrega na história a técnica e a prática de escrita, criando assim para alguns o purismo passadista defendido por Santos, (1996). Para Eco (1996, p. 04),

hoje há hipertextos. Em um livro tem-se que ler da esquerda para a direita (ou da direita para a esquerda, ou de cima para baixo, de acordo com diferentes culturas) em uma forma linear. Pode-se saltar páginas, pode-se - já alcançada a página 300 - voltar para checar ou reler algo na página 10 - porém isso implica em trabalho, digo, trabalho físico. Ao contrário, um hipertexto é uma rede multidimensional onde cada ponto ou nó pode, potencialmente, ligar-se a outro.

Machado (1995) aborda que o pensamento está em constante mutação e a internet trouxe um novo modelo de comunicação, a partir das escritas hipertextuais, o escritor não escreve mais textos, mas sim processa ideias. A Literatura Gerada por Computador permite satisfazer a produção de textos complexos que exigem um espaço da tridimensionalidade e a possibilidade da interatividade. Nesse sentido, temos o espaço de leitura como um sistema semiótico. Enquanto tal torna-se experiência comunicacional de signos diversos: dos visuais aos sonoros e verbais. Produzir no campo virtual da Ciberliteratura é ter a possibilidade de manipular a linguagem verbal e usar inserida nela signos visuais e sonoros. Então, encontramos diante de um novo meio de suporte para o texto, que geram um novo leitor e a necessidade de uma nova linguagem, a qual pode apresentar complexa estrutura tanto em termos linguísticos quanto sintáticos.

A produção e recepção dos textos literários no ciberespaço, ainda que venham sendo fragmentadas pela maneira de veiculação, destacam-se pelo modo de desempenho das tecnologias em serviço da escrita literária, sendo uma grande revolução no processo criativo de produção e circulação de textos nunca explorados antes.

4 ANÁLISE DOS ESPAÇOS VIRTUAIS LITERÁRIOS

A discussão proposta até aqui permite pensar de que forma o blog, uma das ferramentas do ciberespaço tornou-se um importante instrumental para a produção de uma diversidade de gêneros textuais inclusive os literários. Nesse sentido, assegura Viana (2012, p.67),

a função dos blogs não se esgota apenas como o abrigo e ambiente de criações textuais contemporâneas, são também espaços de leitura não só das criações dos próprios blogueiros, mas também de outras vozes que se misturam na criação do ambiente. É um espaço de múltiplos gêneros textuais e literários e a articulação entre eles: um gênero de gêneros.

Assim, para refletir sobre como o ciberespaço vem abrigando o escritor contemporâneo tomou-se aqui o blog CASA DE PARAGENS do escritor catarinense Rubens da Cunha. Convém destacar que sua produção deu-se, inicialmente, em publicações editadas por editoras catarinenses - Campo Avesso (Livro Letra D'Água, Joinville, 2001); Casa de Paragens (Edufsc, Florianópolis, 2006); Aço e Nada (Design Editora, Jaraguá, 2007); Vertebrais (Sintonia Comunicações, Joinville, 2008); Crônica de Gatos (Design Editora, Jaraguá, 2010) – que não possuíam mecanismos mais amplos de divulgação restringindo-o apenas aos leitores locais.

Em 2005, lança seu blog que passa a ser o principal mecanismo de divulgação de sua produção. Atualmente, o autor utiliza o blog “Casa de Paragens” como canal prioritário para a escrita e divulgação dos seus textos. Como ele próprio admite em entrevista concedida a Viana (2012, p. 65), “O blog, hoje é meu caderno de rascunhos, meu caderno de originais”.

Nessa perspectiva, o blog emerge não só como um espaço do eu no ciberespaço, mas também como uma ferramenta por meio do qual esse eu se comunica, ampliando os horizontes de leitura com a possibilidade de interagir com uma gama de novos leitores e novas experiências de leitura. Hospedados no blog, os textos permitem a interação com os leitores por meio dos comentários que podem ser postados. Atualmente, o blog conta com duzentos e noventa e sete seguidores.

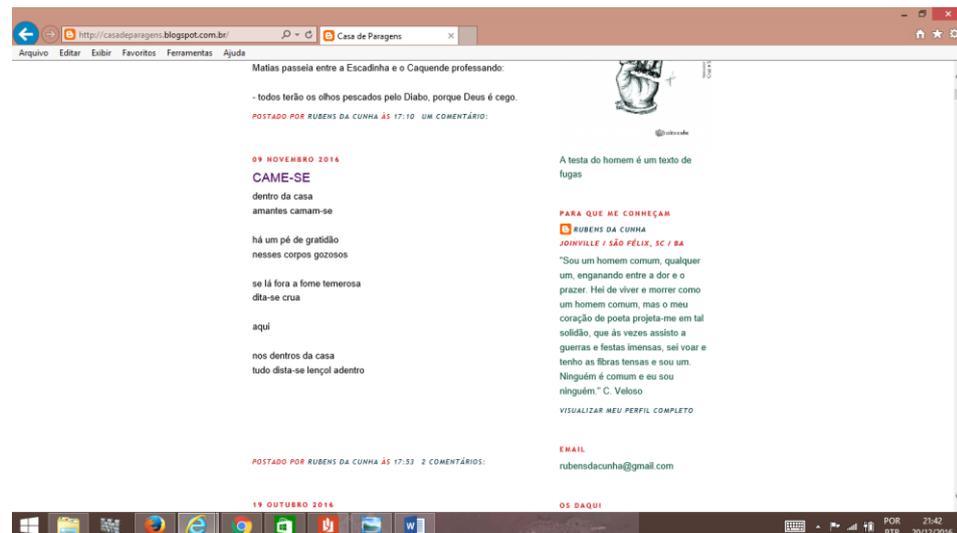
Figura 1 – Template do blog



Fonte: www.casadeparagens.blogspot.com (2016).

Numa análise geral, observa-se que o template do blog é simples com fundo branco que realça a imagem central e chama a atenção para os textos, figuras, vídeos e outras imagens que o blogueiro utiliza nas suas construções. Vale ressaltar ainda é que os comentários são chamados de hospedagens fazendo uma alusão ao título do blog. Outra curiosidade no blog diz respeito à definição do escritor que se utiliza da canção Peter Gast de Caetano Veloso para se fazer conhecer pelos hóspedes desta parada.

Figura 2 – Perfil do autor do blog



Fonte: www.casadeparagens.blogspot.com (2016).

No que tange aos textos abrigados no ciberespaço, tomou-se por análise os textos intitulados Sexta nº 1 (postado em 10/07/2015) e Sexta nº 2 (postado em 17/07/2015). Em meio as suas paragens, o autor observou-se através do outro, o mais ínfimo da sua própria essência, fazendo uma transação o que é externo e interno de todo ser. Observa-se também a liberdade no que se diz respeito às formalidades da escrita do livro impresso.

Figura 3 – Poema

Sexta nº 1



Ilustração: Peihang Huang

sombras enquanto somos
enquanto saímos dos abismos
enquanto repetimos erros

plurais e vastos
vagamos - às vezes - pouco escondidos
noutras vezes parcos

porcos

pois sobras alimentam o que amanhã

alimento será

POSTADO POR RUBENS DA CUNHA ÀS 10:43 UM COMENTÁRIO:

Fonte: www.casadeparagens.blogspot.com (2016).

No poema Intitulado Sexta nº 1, nota-se que Rubens da Cunha acrescenta uma imagem que conversa com a obra. Num diálogo perfeito entre verbal e não verbal. Na Ilustração de Peihang Huang, tem-se um corpo encolhido, com dobras, sendo levemente tocado pelas mãos feridas, escarnecendo a inutilidade da matéria física humana, ao mesmo tempo em que remonta um sentimento íntimo nesse leve toque dos dedos.

Rubens da Cunha deixa evidente que o ser interior é visto fora da “carne”, não é palpável, se tornando uma sombra que segue fora do ser humano. É essa mesma sombra que o impulsiona a sair reproduzindo os mesmos erros. É por essa invisibilidade de sombras que o indivíduo se torna plural e vasto interior, ao mesmo tempo em que vaga pelo exterior de si, muitas das vezes sem notoriedades, insignificantes.

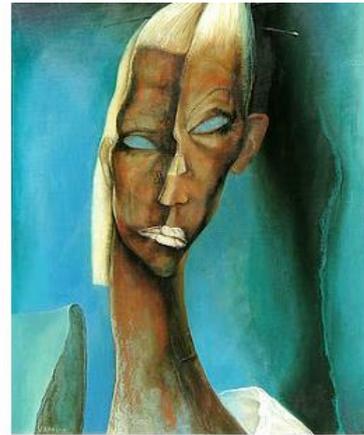
E por ser vastidão, vão ficando sobras pelo caminho, são delas que o sujeito depois se refaz, tornando-as seu alimento interior. Sendo, assim, se torna um animal semelhante ao porco por se satisfazer de sobras e não do inteiro.

Figura 4 - Crônica

17 JULHO 2015

Sexta nº 2

no ônibus, na BR 101, entre Cruz das Almas e Feira de Santana, ela chega: bom dia amigo, segura isso e isso aqui também, e me passa a bolsa e outra sacola de plástico, e senta-se, bêbada, troncha, e começa a falar desconexos, e abre a bolsa e mostra um livro de colorir infantil, pincel, tinta, esse eu comprei par minha neta, será que ela vai gostar? inibido, tento me desfazer dos presentes alheios, ela insiste que eu segure, abre novamente a bolsa, olha, pega esse aqui também, abre aí pra nós ver. me passa umas revistas pornográficas, ri despudorada, pergunto se ela vai dar aquilo para a neta também, ela diz que não, me força a abrir, inibido, abro a revista, lembro da adolescência, das revistas encontradas na beira da BR 101 a milhares de quilômetros dali, vejo as fotonovelas, fico rindo por dentro, inibido, peço para que ela guarde. me mostra o celular, não consegue acessar as fotos da família, vou ver minha mãe em Rui Barbosa, sai de Salvador, to a três dias na estrada, e mostra o dinheiro no sutiã, digo pra ter cuidado, podem roubar, não ligo, já roubei mesmo, ele me bateu, juntei o dinheiro e fugi, saudade da minha filha, tenho um filho também, meu pai morreu, e chora, e ri e vai ao banheiro, e volta e tenta me mostrar as coisas no celular, as unhas estão feias, né?



e tenta narrar sua história, inibido escuto, finjo estar cansado, mas agonia-me sorriso triste e amarelado, a voz alta, a melancolia candente, olha a janela, admira-se de que está tudo verde, mostra mais uma vez o dinheiro, ri, chora, fala de novo da mãe, diz que vai ficar em Feira de Santana, dormir na rua até que venha o ônibus, perdi meu pai, saudade da minha filha, minha mãe me chamou, mas não quero ficar lá com ela, e abre a bolsa e mostra mais uma vez a revista pornográfica, pede para que eu fique com a revista, inibido digo que não, fala da outra neta, que ficará sem presente, fala da mãe, abandonada, não sei pra onde vou, as unhas, meu cabelo também tá feio, sou feia, né? inibido, vou disfarçando, amenizando, vendo a paisagem, ela bêbada, troncha, segue sua ladainha, em Feira de Santana, sai rapidamente do ônibus, cambaleante, perde-se na multidão presente na rodoviária, enquanto eu me encontro mais uma vez sóbrio, incapaz de pertencer às agruras do mundo.

Ilustração: Vakhó Kakulia

POSTADO POR RUBENS DA CUNHA ÀS 13:09 2 COMENTÁRIOS:

Fonte: www.casadeparagens.blogspot.com (2016).

Na Sexta nº 2, através da crônica, o escritor faz emergir sua relação com o eu e com o mundo exterior. Nessa composição, por meio do diálogo com uma senhora aparentemente bêbada, o narrador desvenda o rio de sentimento que carrega o ser humano que ora está rindo, ora está chorando.

Relatando coisas da vida, uma senhora causa constrangimento no narrador que pouco se importa com as lamentações e revelações tão íntimas e tão dela. Ele se inibe quando a senhora lhe oferece uma revista pornográfica, embora as imagens remontem uma paisagem agradável do tempo de jovem, não queria compartilhar com mais ninguém sua recordação interior que pertencia só a ele.

A imagem ilustrativa de Vakho Kakulia, em sua interface com o texto, convida o leitor a desvendar quem é aquele rosto melancólico encostado na parede a observar o infinito. Subentende-se que seja o próprio narrador a olhar o outro e nesse percurso a olhar a si mesmo. Inclusive nos olhos não trazem nenhum reflexo do que se está visualizando, é apenas um corpo encolhido, uma face com aspereza de não se sentir integrante do mundo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões sobre o ciberespaço dão lugar para se pensar nas várias formas de criação e divulgação de produções literárias em meio digital. Os estudos teóricos levaram-me a refletir que o campo está germinando numa relação significativa entre o “real (impresso) e o irreal (virtual)”. E que as demandas estéticas têm sua importância no meio digital. Ainda que seja a minoria, os estudiosos que se ocupam deste tema, mesmo perante aos clássicos cânones literários e da crítica na atualidade, puderam notar que a área é produtiva, há vários caminhos para ser trilhados.

As discussões apresentadas neste artigo foram, na verdade, indagações aos estudiosos da literatura, a fim de buscar quais rumos a literatura tem assumido. Passamos por um processo das manifestações literárias em meio digital, exacerbada. Sendo assim, remar contra, torna-se um desafio. Só o tempo mostrará se essa configuração de veiculação de textos literários se tornará patrimônio cultural.

O ciberespaço, um propagador da cultura pós-moderna, está em constante construção, sendo assim sempre novos caminhos podem ser alcançados. É neste

espaço em que cada segundo do globo, novas informações são incluídas e acessadas, em que o próprio escritor que determina suas regras. Segundo Levy (1999) este é um sistema do caos que abre portas para os ensaios culturais para quem nele se descobre (ou se perde).

REFERÊNCIAS

ARANTES, Priscila. **Arte e mídia: perspectivas da estética digital** editora. São Paulo: Senac, 2005.

BAKHTIN, Mikhail. Discurso na vida e discurso na arte (sobre poética sociológica). Tradução de Cristóvão Tezza, para uso didático (mimeo) , **Que és el lenguaje?** In: SILVESTRI, Adriana; BLANCK, Guillermo (orgs). Bajtín y Vigotski: la organización semiótica de la consciencia. Barcelona: Anthropos, 1993. p. 217-243.

BERNARDES, Alessandra Sexto. **Do texto pelas mãos do escritor ao texto nas mãos do leitor: pensando a leitura e a escrita na biblioteca.** 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n22/n22a08.pdf>> Acesso: 19 de nov. 2016

BERTRAND, Denis. **Caminhos da semiótica literária.** Bauru: EDUSC, 2003.

BYLAARDT , Cid Ottoni. A estética contemporânea: nova poética, novo olhar. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea.** Nº39, Brasília jan./jun. 2012.

CUNHA, Rubens da. **Casa de Paragens.** Weblog. Disponível no endereço: <<http://casadeparagens.blogspot.com/>> Acesso em 18 dez 2016

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ECO, U. **Da Internet a Gutenberg.** Trad. de João Bosco da Mota Alves. New York: Columbia University, nov. 1996. (Palestra proferida em: The Italian Academy for Advanced Studies in America). Disponível em: <<http://migre.me/51hlc>>. Acesso em: 05 nov. 2016.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LEMOS, André. Cibercultura. Alguns pontos para compreender a nossa época. In: LEMOS, André; CUNHA, Paulo (Org.). **Olhares sobre a cibercultura.** Porto Alegre: Sulina, 2003.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: editora 34, 1990.

MACHADO, Arlindo. Fim do livro? **Estudos avançados**, São Paulo, v. 8, n. 21, p. 201-214, mai./ago. 1995.

MAGDALENO, Renata Fernandes. Um autor em movimento: uma reflexão sobre o escritor brasileiro contemporâneo através da obra de João Gilberto Noll. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**. no.39 Brasília Jan./June 2012

OLIVEIRA, Cleni Bellezi de. **Literatura sem segredos: As gerações de 60 e 80**. São Paulo: Escala educacional, 2004.

OLIVEIRA, Sayonara Amaral de. **Sobre vivências poéticas no campo da mídia digital**. 2016. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/elbc/n47/2316-4018-elbc-47-00049.pdf> Acesso: 27 de set. 2016.

SANTA, Everton Vinicius de. **A literatura em meio digital e a crítica literária**. Hipertextus Revista Digital, n.7, Santa Catarina, Dez. 2011. ISSN 1981-6081.

SANTOS, A. L. **Textualidade Literária e Hipertexto Informatizado**. NUPILL - Publicação Eletrônica, Florianópolis, 1996. Disponível em: <<http://migre.me/51hWn>>. Acesso em: 05 nov. 2016.

TRAGINO, Arnon. **Livros, leituras e leitores: a leitura do Espírito Santo no vestibular da ufes**. Dissertação de Mestrado em Letras. Universidade Federal do Espírito Santo. UFES, Brasil. 2015.

VIANA, Elisangela. **Paragens literárias no ciberespaço**. Dissertação. (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade). Joinville: UNIVILLE, 2012.

RESUMEN

El impacto de Internet alcanza no sólo la forma en los seres humanos se comunican, sino también su relación con el arte, especialmente la literatura. Por lo tanto, no es el creciente número de escritores que emplean el entorno virtual como una manera de difundir su producción literaria. Por lo tanto, este estudio tuvo como objetivo investigar cómo las producciones literarias se encuentran en el entorno virtual y el impacto de ese espacio para el escritor. Además, el estudio también muestra el ciberespacio como nueva herramienta de propagación de la cultura y un espacio a través del cual el escritor contemporáneo se está extendiendo su labor. Con este fin, una investigación exploratoria que tiene como soporte los supuestos de la semiótica literaria y teorías del ciberespacio se ha hecho.

PALABRAS CLAVE: Escritor. Literatura. Ciberespacio.